

## **OFICINA DE ESCRITA COM TRABALHADORES DE SAÚDE MENTAL: UM CUIDADO DE SI**

Coordenador: ANALICE DE LIMA PALOMBINI

O Sarau propõe-se à apresentação da Oficina de Escrita com trabalhadores de residências terapêuticas, seguida da leitura de trechos escolhidos dos escritos nela produzidos, que contam do cotidiano de trabalho com os moradores dessas residências. A Oficina de Escrita propicia um espaço sistemático de promoção e acompanhamento da produção escrita de trabalhadores dos serviços residenciais terapêuticos Morada São Pedro e Morada Viamão, vinculados à Secretaria Estadual da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, em torno das narrativas do seu cotidiano de trabalho. Tal produção é compartilhada, através de leitura, comentários e reformulações, por um coletivo no qual se incluem, além dos trabalhadores desses serviços, a equipe deste projeto, configurando-se como dispositivo que tanto acolhe narrativas já escritas como faz produzir novas narrativas referidas às práticas de cuidado em saúde mental no contexto da reforma psiquiátrica. A oferta de um espaço coletivo em que narrativas orais ganham forma escrita vem cumprir, nesse contexto, uma dupla função: por um lado, trata-se de estabelecer o registro e trazer ao público as cenas até então inéditas do cotidiano da relação entre os trabalhadores dos residenciais e seus moradores; quando esse cotidiano não é mais o da instituição total, mas o da vida comum dos que habitam a cidade; por outro, o exercício mesmo da escrita e a sua leitura compartilhada é produtor de transformação das práticas de que se imbuem esses trabalhadores, favorecendo a invenção de novos modos de relação onde o cuidado possa ser pensado numa perspectiva outra que a da tutela herdada das práticas do internamento. O trabalho coletivo sobre as escritas produzidas tem como meta a sua publicação na forma de livro, como produção de conhecimento e registro histórico de um momento único na história da reforma psiquiátrica brasileira, referente ao processo de desinstitucionalização da população por muitos anos confinada nos manicômios. O trabalho encontra-se em fase de finalização. Cerca de oito trabalhadores de ambos residenciais participaram de forma regular da oficina desde o seu começo, há três anos, enquanto outros mantiveram uma participação assistemática ou pontual. A cada encontro, é trabalhado o texto previamente escrito por um dos participantes, através de leitura coletiva, comentários, correções e sugestões. Cada um dos presentes recebe uma cópia do texto e lê em voz alta um pequeno trecho, passando a palavra ao colega a seu lado, até completar uma primeira leitura integral do texto. Comentam-se, então, as impressões gerais, antes de passar ao trabalho de revisão linha por

linha, parágrafo por parágrafo, a começar pelo título. Esse trabalho visa não apenas a melhor legibilidade das idéias propostas pelo autor do texto, mas o compartilhamento da experiência por ele protagonizada e sua elaboração coletiva. Não importa o grau de instrução, a profissão ou o letramento de quem escreve. O que vale é a inspiração para os textos, buscada no cotidiano de um trabalho que, referindo-se à desinstitucionalização da loucura, está longe de ser simples e comum. Acompanhando o acontecimento das oficinas, pudemos observar a força de seus efeitos, dos quais assinalamos dois aspectos: 1- A escrita como exercício de um cuidado de si se mostrou indissociável dos processos de vida. Estes forçavam sua passagem entre as linhas do papel, emprestavam suas formas à forma do texto. É assim que, no texto escrito por Marco sobre ser acompanhante terapêutico, uma certa passagem perdia a marca de seu estilo, claro e direto, sempre feito de frases simples. A leitura ficou truncada, as idéias confusas. As várias sugestões feitas pelos participantes da oficina na tentativa de tornar mais legível o texto não tiveram resultado. Na conversa, a dificuldade então se revelou: Marco queria contar-nos da importância do trabalho em equipe e de como às vezes os orgulhos atrapalham o exercício compartilhado de um cuidado, produzindo sofrimento. As palavras escritas embrulharam-se como os afetos presentificados na convivência diária entre os trabalhadores. O trabalho com o texto precisou ser retomado no encontro seguinte. No esforço de desfazer e refazer esse pedaço da escrita, era a experiência de equipe em si mesma que se refazia. Já no texto de Beatriz, contando da passagem do hospital para o Morada e de como, nessa passagem, se celebrou o casamento de antigos namorados que agora passavam a viver juntos, uma palavra se repetia com uma freqüência que soava mal aos ouvidos: "tranqüilos", era o termo de que se valia o texto para descrever a forma como o casal ia experimentando sua nova condição de vida. Beatriz recusava as sugestões de substituir o termo por outro equivalente, no intuito do grupo de evitar as repetições. Dizia "tranqüilo é tranqüilo mesmo". Ponto final. Foi Vera, sua colega, com muitos anos também de trabalho no hospital psiquiátrico e profunda conhecedora das suas engrenagens, quem esclareceu o mistério: "tranqüilo" remetia ao efeito tranqüilizante dos medicamentos fartamente utilizados no contexto do hospital para produzir a calma esperada. "Tranqüilo" era a senha que, junto com "sem intercorrências" compunha, folha por folha, os prontuários de pacientes pacificados, esvaziados de desejo em internações sem fim. A palavra, então, carregada de um sentido que nos escapara, foi mantida no texto. 2- A oficina foi se tornando uma experiência de passagem do eu ao impessoal. Para além da intensidade das lembranças individuais, foi-se construindo, nessas narrativas escritas, a densidade de uma memória ao mesmo tempo pessoal e coletiva, a função autor vendo-se lançada aí, nessa

báscula entre singular e coletivo, entre o nome próprio e o impessoal. No livro *História e narração* em Walter Benjamin, Jeanne-Marie Gagnebin mostra que o sujeito que narra "não se restringe à afirmação da consciência de si, mas se abre a dimensões involuntárias". E, nessa abertura, "é atravessado pelas ondas de desejo, de revoltas, de desesperos coletivos". A leitura do texto de Marisa provocou essas ondas em todos os que participávamos do grupo. O texto narrava o dia em que Israel desapareceu no balneário onde o Morada Viamão havia alugado uma casa durante uma temporada de verão. Era um escrito em primeira pessoa, em que Marisa expunha seu desespero, contava de sua busca aflitiva, dos pensamentos terríveis que se interpunham à sua imaginação, dizia de sua profunda ligação com aquele morador, do sentimento maternal que a invadia e da afetação corporal que o seu sumiço lhe provocara, até o seu reencontro. A leitura compartilhada do texto na oficina fez disparar o início desse movimento de dissolução do eu e coletivização da experiência: o "eu" que o texto enunciava se distribuía entre seus vários leitores; ao mesmo tempo que os contagiava, dissolvia-se neles. Fomos todos tocados pela intensidade dos acontecimentos narrados, e, após a primeira leitura, antes de passar ao trabalho linha por linha, muitas vozes se fizeram ouvir: para contar de outras vivências igualmente aflitivas, para compartilhar de sentimentos suscitados na relação tão próxima com os moradores de quem se cuida, para buscar compreender o que se passa nessa relação. O acontecimento narrado deslocava-se assim, da esfera do eu e, fazendo-se coletivo, possibilitava uma apreensão nova da experiência, uma outra construção de si como cuidador e outra posição de autoria em relação ao texto.